

Maria de Fátima Nunes e Augusto da Silva, sj. (orgs)

“Da Europa para Évora  
e de Évora para o Mundo”  
A Universidade Jesuítica de Évora  
(1559-1759)



**Agradecemos os seguintes apoios institucionais:**

Fundação Eugénio de Almeida

Delegação Regional da Cultura do Alentejo. Ministério da Cultura

Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva

É V O R A  
2 0 0 9

# O Saber e a Majestade:

## O Colégio do Espírito Santo e o desenvolvimento das arquitecturas colegiais na Europa moderna

---

Manuel F. S. Patrocínio\*

**Resumo:** Considerando a fundação do Colégio do Espírito Santo de Évora, consagrado em 1559 como *Universidade* e entregue à Companhia de Jesus, realçar-se-á a sua importância enquanto *acontecimento arquitectónico*. Apresentam-se, assim, em perspectiva histórica os contextos que permitem aprofundar o conhecimento do referido Colégio, seja em reflexo da evolução da competência de edificar e da história das universidades desde o séc. XII, seja como exemplo de aplicação da tipologia construtiva dos colégios, e, por fim, como parte do programa das obras jesuítas que foi fundamental para o desenvolvimento cultural, pedagógico e artístico na Europa a partir da 2.ª metade do séc. XVI.

**Palavras-chave:** História da Arquitectura, Colégios, Classicismo, Programas Jesuíticos.

**Abstract:** Taking the establishment of the *Colégio do Espírito Santo (Évora)*, elevated as the Portuguese *University* of the Jesuit Society in 1559, we will introduce its importance as *architectural fact*. Thus, in an historical survey, we will present the main settings that allow a deeper understanding of the same college both as an example of the evolution of the competence to edify and as a landmark in the history of the universities since the 12<sup>th</sup> Century. We will also present this Portuguese example as part of an application of the typology of collegial buildings and as part of the Jesuit cultural, pedagogical and artistic, truly fundamental for the 2<sup>nd</sup> half of the 16<sup>th</sup> Century Europe.

**Key-words:** History of Architecture, Colleges, Classicism, Jesuitical programmes.

Decorrendo do sistema de educação formal na Europa, a instituição universitária nasceu em inícios do séc. XII e o embrião do que seria o *colégio escolar* estava nos estudos ministrados por iniciativa eclesiástica em torno aos *claustros* da Catedral de Notre-Dame, em Paris<sup>1</sup>. O *claustro*, de espaço contem-

---

\* Universidade de Évora - Departamento de História e Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAA).

<sup>1</sup> Foi na Catedral de Notre-Dame que Pierre Lombard, depois Bispo, começou então os seus cursos de Teologia, beneficiando do apoio de Luís VI (reg. 1108-1137) e da autorização do Papa Alexandre III (1159-1181). Notre-Dame, funcionava como escola, ensinando-se o *trivium*, *quadrivium*, e o canto desde os sécs. X-XI (A. TUILIER, *Histoire de l'Université de Paris et de La Sorbonne*. Vol. I, Nouvelle Librairie de France - Guy Victor Labat. Paris. 1994, pp. 31-ss).

plativo, passa também a proporcionar-se como lugar para o debate e ciência, no reforço da sua funcionalidade cultural<sup>2</sup>. Porém, em vontade de distanciamento do ensino imposto em Notre-Dame, cada vez mais Mestres se iam instalando na outra margem do Sena, captando audiências com as suas ideias inovadoras; mas os cursos mantinham-se nos espaços pertencentes ao espaço dos mosteiros ali existentes. Não cessava pois a importância adquirida por esses mesmos espaços na prática do ensino, que se reforçava com a fama dos sábios aí residentes, exemplo do Mestre Abelardo na Abadia de Ste. Geneviève ou Mestre Hugo na Abadia de St.-Victor, esta fundada em 1113 por Guilherme de Champeaux (na verdade em rivalidade com Abelardo)<sup>3</sup>.

Muito embora permanecessem exclusivos os estudos teológicos e a formação eclesiástica na Catedral de Notre-Dame, reconstruída entre 1163-1260 em sinal do seu próprio engrandecimento institucional, expandia-se a área urbana parisiense através de duas vias, fosse pelo *Petit Pont*, que, diante de Notre-Dame assegurava a caminhada de ritmo pedonal na direcção dos grandes pólos monásticos da outra margem; fosse pela *Rue de St. Jacques*, que saía para sul, com ponto de partida da mesma Catedral, sendo um antigo *cardo* romano e, claro, arranque para os próprios rumos compostelanos do tempo. Tais eixos possibilitaram o trânsito de Mestres e estudantes para a *rive gauche* onde proliferariam os novos centros escolares a que se deu o nome de *Ecole du Petit Pont*, cerne da *universitas* ou seja a «cidade» dos Mestres e estudantes, que, em 1231, Gregório IX reconheceria como *Universidade de Paris*<sup>4</sup>.

Após esta consagração, assistiu-se à fundação dos primeiros colégios propriamente ditos, fosse por iniciativa eclesiástica ou particular, como edifícios especialmente destinados a acolhimento dos estudantes. Caso do *Collège des Dix - Huit* (1180), reservado, conforme o nome, a dezoito membros, ou da fundação do *Collège de St. Honoré* (1209), para acolher treze bolsiros. Os exemplos proliferaram pela outra margem do Sena, com o *Collège des Bernardins* (1246), cisterciense, estabelecido perto da Abadia de St. Victor; o *Collège de Constantinople* (1248), ou o *Collège de Cluny* (1262), que, embora edificado em

<sup>2</sup> O claustro: «centre of the architectural ensemble with a monastery (...), consists of a yard (the garth), usually quadrilateral in shape and surrounded on all sides by covered passageways or galleries linking the major monastic buildings» (Marjorie Jean HALL, «Cloister», in *The Dictionary of Art*, Vol. VII, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, pp. 452).

<sup>3</sup> Cf. A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 34-36. («le cloître épiscopal [...] symbolisait à leurs yeux une autorité jalouse et répressive»; A. TUILIER, *id.*, pp. 37-38).

<sup>4</sup> O reconhecimento destes centros de ensino, embora carecessem da devida licença eclesiástica (ou *licentia docendi*), reflectiu-se nos privilégios concedidos pela própria monarquia. A criação de Faculdades (1219) seria aceite pelo Papa Honório III, e, por fim, a Bula de Gregório IX, *Parens Scientiarum* («Paris, mãe das Ciências»), promulgou os respectivos Estatutos (A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 41-44 e 63).

torno de um claustro tradicional, aparecia designado, efectivamente como *collegium* e não como *mosteiro*<sup>5</sup>.

No entanto, os restantes estudantes eram obrigados a procurar albergues particulares, em condições por vezes insalubres. Assim, por volta de 1253, Robert de Sorbon (1201-1274), Cónego de Paris e Capelão do Rei, enceta a aquisição de casas na velha *Rue de Coupe - Gueule*, onde se dispôs a fundar um novo Colégio, com que não só tentou remediar a questão dos alojamentos, como também criou uma *Biblioteca*. Tratava-se do *Collège de Sorbon* ou a *Sorbonne*, que recebeu privilégios e, em 1268, a definitiva aprovação pontifical<sup>6</sup>. Ao longo dos sécs. XIII-XIV, configura-se de modo cada vez mais consolidado, por toda a Europa, o que se designará por *arquitectura dos colégios*, de início desenvolvendo-se em torno dos programas universitários e na íntima ligação aos modelos edificados monásticos<sup>7</sup>.

O termo *collegium*, designando a princípio toda a congregação de pessoas que exerciam uma mesma actividade, depressa se alargou à designação dos escolares, professores e estudantes, e do próprio *edifício escolar*<sup>8</sup>. Tornava-se a arquitectura em *imagem*, ao ritmo de uma cultura progressivamente humanista nos assuntos do espírito e formalmente tendente ao literário. Ao sentido colectivo de *corpo social* respondia a tradição arquitectónica com o sentido de *corpo construído*. As obras configurar-se-iam de resto como *corpos*, conceber-se-iam como tal, da mesma forma que o corpo do Homem se articula em torno de um foco concêntrico. Organizava-se a obra construída em *oconomia*, *symmetria* e *utilitas*, conforme os conceitos contidos na base fundadora de Vitruvius, ganhando cada espaço a sua funcionalidade própria no enquadramento da

<sup>5</sup> Destinava-se o *Collège de Constantinople* a acolher dez estudantes que se dedicassem aos estudos orientais (A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 97-101). O papel dos mendicantes nesta sequência de estabelecimentos terá contribuído para as regras e reorganização de vivência em comunidade dos universitários (cf.: *id.*, *ibid.*); com efeito, neste período, «construction of academic buildings was pioneered by religious orders» (Michael KIENE, «College», in *The Dictionary of Art*, Vol. VII, Direcção de Jane Turner, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, p. 565).

<sup>6</sup> Cf. A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 115-119; A. FRANKLIN [1875], *La Sorbonne. Ses origines, sa bibliothèque*, Gérard Th. Van Heusden, Amsterdão, 1968, pp. 3-4. «La tipologia architettonica del collegio si definisce nel tardo Medioevo in modo sostanzialmente analogo a quello degli edifici monastici» (Andrea REICHLIN, «collegio», in *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica*, Vol. II, Direcção de Paolo Portoghesi, Roma Istituto Editoriale Romano, 1968, p. 32).

<sup>7</sup> Os centros universitários adquirem a dimensão de *complexos*, juntando os edifícios escolares aos de acolhimento dos estudantes, multiplicando-se os exemplos, não apenas em França, como na Itália e na Inglaterra, com Oxford e Cambridge, onde aparece a designação correlativa de *hospitium*; Escócia, caso da Universidade de St. Andrews, ou Polónia, com a Universidade de Cracóvia (Michael KIENE, *op. cit.*, pp. 565-566).

<sup>8</sup> «A 'college' was a professional association with a chairman elected for a limited time to manage a current business» (Michael KIENE, *op. cit.*, p. 565).

concepção do edificado, retendo-se aqui que *utilitas* se aplica ao desenvolvimento essencial dos edifícios funcionais<sup>9</sup>.

Decorrendo como um exemplo de *funcionalidade*, cujo princípio subjacente era o que se referia ao estudo e ao conhecimento, é assim que a tipologia colegial chega instituída ao séc. XVI, como, no contexto português, quanto à fundação do Colégio das Artes, em 1547, dez anos após o definitivo estabelecimento da Universidade de Coimbra, vindo suprir o regime preparatório de acesso às Faculdades anteriormente reservado aos «*bolseiros do Rei*». Consagrado ao ensino das *artes da Gramática, Retórica e Dialéctica*, foi dirigido até 1550 por Professores afectos ao *Collège de Guiène* de Bordéus, altura em que foram afastados e substituídos por um novo grupo liderado por Paio Rodrigues de Vilarinho; o Colégio seria depois entregue à Companhia de Jesus<sup>10</sup>.

Ter-se-ia, então, concebido um edifício que se distinguiria, na sua parte central, por ter uma quadra aberta com alçado de dois andares, em baixo dispondo-se salas onde decorreriam as aulas, e, no andar superior, os aposentos. Ao Colégio das Artes teria correspondido um programa construtivo inicialmente subordinado às necessidades funcionais decorrentes da prática pedagógica do primeiro grupo dos célebres Mestres bordaleses<sup>11</sup>. O plano teria sido definido por André de Gouveia (1497-1548), antigo Mestre em Bordéus (onde foi Reitor), agora responsável pelo novo Colégio coimbrão. Foi o projecto passado a desenho por João de Ruão, na qualidade de *Mestre-de-Risco*, para, a seguir, ser construído sob iniciativa dos arquitectos Miguel de Arruda e João de Castilho, *Mestres-de-Obras* da Corte.

<sup>9</sup> Cabendo-lhe, no séc. I a escrita do Tratado *De architectura*, alicerce filosófico e epistemológico da arte de edificar, salientava Vitruvius na apologia ao Imperador Augusto: «*não apenas te preocupas com a vida comum de todos e com a ordem do Estado mas igualmente te empenhas com a oportunidade dos edifícios públicos, porque a Cidade não apenas foi engrandecida, através de ti (...), também a dignidade do Império foi sublinhada pela egrégia autoridade dos edifícios públicos*» (VITR., Preambulo, 2; in VITRÚVIO, *Tratado de Arquitectura* (Tradução, introdução e notas de Manuel Justino Maciel), IST Press, Lisboa, 2006, p. 29). O termo *symmetria* significava em Grego: «*comensurabilidade, configuração, correlação, sistema de medidas; economia era: «distribuição, administração, organização»* (VITR., I, II, 1 in VITRÚVIO, *op. cit.*, p. 37 e p. 37 – notas); e *utilitas* a «*utilidade, uso, funcionalidade, proveito, vantagem*» (VITR., I, III, 1; in VITRÚVIO, *op. cit.*, p. 41 e p. 41 – notas).

<sup>10</sup> Cf. Delfim SANTOS, «Universidades», in *Dicionário de Literatura*, Direcção de Jacinto do Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, 1989, pp. 1126-1128. Cf. também J. Sebastião Silva DIAS, «Colégio das Artes», in *Dicionário de Literatura*, Direcção de Jacinto do Prado Coelho, Figueirinhas, Porto, 1989, p. 192).

<sup>11</sup> Com efeito, «*a articulação dos diversos espaços colegiais, seccionados em função da divisão de grupos autónomos orientados por um 'tutor' requerida pela nova pedagogia bordalesa, ligava-se necessariamente um desenho*», que era «*novo entre nós*» (J. E. H. CORREIA, «A importância dos Colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses», in *Actas do Congresso 'História da Universidade (no VII Centenário da sua Fundação)*», Vol. II, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991, p. 270).

Os resultados, porém, parecem não ter agradado ao Humanista, pois, segundo carta que enviou a D. João III, queixava-se da informação dada pelos pedreiros da sua obra quanto ao facto dos mencionados arquitectos estarem a «*desmanchar todo o debuxo que eu lá mandei*». Mais dizia, em referência ao que seria a tipologia requerida, que «*bem sei que todos eles entendem tão pouco que fazer um colégio como eu o quero, e deve ser*», pois «*nunca fizeram outro [tipo de colégio] senão para frades (...). Respondo que não sabem que coisa é [um] colégio*»<sup>12</sup>.

A carta seguia com mais queixas sobre o tamanho do Refeitório ou da Igreja colegial, dependências que André de Gouveia entendia estarem a ser levantadas inadequadamente, pelo menos para o número expectável de alunos. Dizia do pátio, que parecia mais de «*recreio*» que de convívio recatado. Embora o edifício do Colégio das Artes tenha desaparecido, subsistiu, de facto, uma estrutura de doze arcos com apoio em colunas jónicas, correspondente a tal pátio no designado «*lanço novo*» do mesmo Colégio. A preocupação evidenciará porventura apego ainda ao modelo de *claustrum*, ou seja o *cloître* francês fixado desde o Gótico na correlação com a própria fixação da organização edificada e cultural das unidades escolares, base para uma apologia da forma que fosse a mais certa para um colégio, mesmo com um desenho actual.

Porém, pouco depois, estabelecendo-se desta feita em Évora um novo estabelecimento universitário, tornava-se o pátio no elemento mais emblemático do complexo colegial. Tratava-se do Pátio dos Estudos Gerais constituído já em 1559 como cenário da solenidade inaugural da nova escola, conforme atesta a seguinte descrição: «*antes de se retirar, D. Frei Manuel dos Santos percorreu o pátio das escolas, esplendidamente ornado de brocados, ramos de verdura e composições literárias em latim e grego. Foi tanto o regozijo da cidade naquele faustosíssimo acontecimento que se fizeram espontaneamente por toda ela muitas danças, ao som de instrumentos músicos e até à igreja e pátio das escolas vieram os dançantes para dar mostra de si aos religiosos. Era uma Quarta-Feira, aquele primeiro dia de Novembro*»<sup>13</sup>.

Aproveitando a evocação, veio referir-se Túlio Espanca à abertura da nova escola no que foi a primeira síntese sobre a evolução do Colégio. Estando, muito embora, o Cardeal D. Henrique ausente em Lisboa, apesar de principal promotor, o Bispo D. Manuel dos Santos foi o oficiante da solene inauguração do Colégio como *universidade* da Companhia de Jesus, e assim atravessava o Pátio dos Gerais entre tantos sinais de sabedoria e majestade<sup>14</sup>. Na sua inauguração, o Colégio foi um *facto construtivo*, reflectindo localmente, ao tempo, o

<sup>12</sup> Carta datada de Março de 1548. In J. E. H. CORREIA, *op. cit.*, pp. 270-271.

<sup>13</sup> In T. ESPANCA, «Notícia dos edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo de Évora», in *A Cidade de Évora – Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*. Ano XVI, N.º 41-42, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1959, p. 158.

<sup>14</sup> Cf. T. ESPANCA, *op. cit.*, *ibid.*

desenvolvimento particular de formas e de intenção de projecto, de conotação tanto simbólica como conveniente, e que o Colégio manteve na sua estrutura e definição de linhas e volume desde o séc. XVI<sup>15</sup>.

Além do Pátio e a Igreja da Universidade, que, depois de 1574, com a sagração de nova Igreja igualmente consagrada ao Espírito Santo, seria transformada em Sala dos Actos, para o empreendimento do Colégio haverá registo da intervenção de Manuel Pires, de Afonso Álvares e António Álvares, ou Jerónimo de Torres e Silvestre Jorge<sup>16</sup>. Mais do que somente *arquitectos práticos*, estes construtores eram simultaneamente, *Mestres-de-Obras* por encargo e desempenho, pertencendo ao contingente de responsáveis sob as ordens da Corte e da Casa de D. Henrique, vinculados aos projectos da Companhia como ao programa que, de 1560 em diante, transformou a fisionomia monumental de Évora<sup>17</sup>.

Com efeito, segundo José Eduardo Horta Correia, «*enquanto fruto do mecenato régio e instrumento de uma acção concertada*», é pela obra que «*Arquitectura entra definitivamente no rol dos valores (...) a proteger primeiro, a empreender depois*»<sup>18</sup>. Assim cabe o contexto de criação do Colégio do Espírito Santo à figura régia do Príncipe D. Henrique (1512-1580), futuro Cardeal e último Rei de Avis, que, em 1540, seria nomeado 1.º Arcebispo de Évora. Ao futuro edifício universitário, juntar-se-ia *Colégio de N.ª Sr.ª da Purificação* (1577), além do *Hospital da Universidade* (autorizado por bula papal em 1579), e que copiava elementos da arquitectura dos colégios, bem como do efémero *Colégio de S. Manços* e o *Colégio da Madre de Deus* (começado em 1595)<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> Com efeito, transitando as formas e modelos entre tipologias, «*new colleges were not always enclosed but were sometimes built around three sides of a rectangle, so as to present the townsfolk with impressive display*» (Michael KIENE, *op. cit.*, p. 566).

<sup>16</sup> Cf., para a aferição documental da participação destes Mestres, Francisco de Sousa VITERBO [1899], *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Vol. I, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1988.

<sup>17</sup> Cf. T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 160-161. Cf. também: A. M.ª BORGES et al., *Colégio do Espírito Santo. Alguns elementos sobre a sua fundação, história e arquitectura*, Universidade de Évora - Serviço de Reprografia e Publicações, Évora, 1988, p. 7; A. M. BORGES e J. A. G. MACHADO, «O Colégio do Espírito Santo», in *Monumentos - Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, N.º 26, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 2007, p. 70, e T. ESPANCA, *Inventário Artístico de Portugal. Tomo VII: Concelho de Évora*. Vol. I. Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966, pp. 71-88.

<sup>18</sup> J. E. H. CORREIA, *op. cit.*, p. 269.

<sup>19</sup> Colégio que veio a ficar na dependência da Companhia de Jesus mas custeado por D. Francisco de Brito Sacota e D. Heitor de Pina, Cavaleiro - Fidalgo da Casa Real, destinando-se ao número de «*treze alunos escolhidos por oposição ou como parentes dos fundadores*» (T. ESPANCA, *op. cit.* [1966], p. 91). A abertura das «*escolas públicas*» por diligência do Cardeal nos Colégios do Espírito Santo e de N.ª Sr.ª da Purificação, como se assinala na recente biografia de D. Henrique, «*são apenas os momentos mais significativos de um projecto complexo*» (A. POLÓNIA, D. Henrique. O Cardeal - Rei, Círculo de Leitores

Mas sabe-se que o projecto de instalação de *Estudos Gerais* em Évora remontava ao reinado de D. Manuel I (1495-1521), que para o efeito mandara comprar uns terrenos junto à porta da Cerca medieval que tinha o nome de *Porta do Moinho de Vento*. Longo tempo, porém, decorreria até ao início da construção do Colégio do Espírito Santo, a expensas de D. João III (*reg.* 1521-1557), já durante a responsabilidade eclesiástica de D. Henrique, e efectivamente levantado na mesma zona. Constituiu o arranque do Colégio a construção das suas primeiras «*quinze celas*», congregadas num edifício que se encostou ao pano amuralhado ao longo do declive nascente da cidade, em alinhamento ainda reconhecível<sup>20</sup>.

Sugerindo-se uma organização inicial semelhante à que se registara para o Colégio das Artes, estando em curso a obra de Coimbra em 1548 e começando a obra de Évora em 1551, estariam as *quinze celas* presumivelmente dispostas em andar superior, talvez reunindo-se já conforme os dois núcleos como os que ainda actualmente rodeiam o claustro interior que veio a ser conhecido como *da Botica*. As celas tiveram construção no período em que chegam definitivamente os primeiros onze Padres jesuítas, de início albergados no Convento das Maltezas (que depois se haveria de transferir para Estremoz) e a seguir no Paço Real de S. Francisco, onde, já em desenvolvimento da sua missão educativa, prestavam serviço à corte<sup>21</sup>.

Foi, pois, para este grupo que se destinou o primeiro edifício colegial eborense. Sucedia este facto uma década depois da prévia intenção de acolhimento da Companhia em Évora, havendo registo, de 1542, de uma tentativa de aquisição de compra de terrenos, não concretizada, para uma primeira instalação de Padres jesuítas em diligência do próprio Padre Simão Rodrigues,

- Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Rio de Mouro, 2005, p. 63). Porém, «*dos quatro colégios anexos ao corpo universitário pretendidos pelo [então] arcebispo - fundador, somente pode este príncipe lançar os alicerces de dois, porque o Papa Gregório XIII não autorizou a união das reidas da Mitra e do Cabido eborense com que D. Henrique (...) desejava manter os projectados estabelecimentos*» (T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 191).

<sup>20</sup> Observou-se nomeadamente que o Refeitório do Colégio foi «*construído sobre um lanço da muralha trecentista da cidade (...), em proporções magníficas e nobres linhas (...), [e] principiado em tempo do fundador, depois deste ter regressado de uma viagem que fez a Coimbra, na companhia do jovem monarca D. Sebastião, em Outubro de 1570*» (T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 166).

<sup>21</sup> As «*primeiras quinze celas construídas em 1551 ofereciam volumes e perspectivas muito discretas, assim como nas obras da fase imediata que compreendia a habitação dos padres jesuítas e irmãos seculares (...), fase que implicou o alienamento da Porta da Traição que passou somente a servir o paço das capitães-mor (...), e ulteriormente a absorção do primitivo Recolhimento do Salvador. Toda essa obra (...), desapareceu amalgamada no projecto de 1558, que da traça monumental o exigiria o Cardeal D. Henrique, e estendeu-se pelos terrenos militares da barbacã*» (T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 160). A contínua expansão da área construída do Colégio do Espírito Santo sobre terrenos públicos obrigou a demarcações mais precisas, efectuadas em 1582 pelos Mestres Jerónimo de Torres e Manuel de Góis (T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], *ibid.*).

curiosamente visitando o lugar onde depois se alicerçou o indicado Colégio da Madre de Deus, à antiga Rua da Mesquita<sup>22</sup>.

Esta rua, descendo desde as Portas de Moura, assinalava um dos limites do *arrabalde de Mendo Estevens*, área que, de facto, correspondeu à área de surgimento dos colégios eborenses após 1559, definindo-se, pois, a nascente da cidade e na espalda natural, que, da Porta da Traição à Porta do Moinho de Vento, daqui às Portas de Moura e, por fim, à velha *Porta de Machede* (ao *Largo de Machede Velho*) e à nova (actual *Largo de N.ª Sr.ª da Natividade*) a zona de residência e convivência dos universitários e seus respectivos edifícios, a modo de *campus urbano*<sup>23</sup>. Mas foi ainda no Paço Real que, em Agosto de 1553, principiaram as novas *escolas gerais*, de ensino assegurado pelos referidos Padres, transferindo-se pouco depois, em 1554, para o Colégio, onde se haviam adiantado as obras de acabamento. Os Jesuítas, constituídos em 1540, proporcionariam uma importante viragem nos sistemas culturais e pedagógicos, na Europa católica da segunda metade de Quinhentos como em Portugal. Sendo «a maior associação de ensino e, continuando a tradição do humanismo com o método sólido e racional do Ratio Studiorum, espalharam largamente a instrução no Reino»<sup>24</sup>.

O aumento de estudantes terá sido o pretexto para se assegurar seriamente a transformação do Espírito Santo em *Universidade*, a segunda do Reino, e a sua definitiva entrega dos Estudos à responsabilidade da Companhia de Jesus, o que só foi porém viável após o falecimento de D. João III, em 1557, por diligências do Infante D. Henrique junto da Rainha – viúva e Regente D. Catarina de Áustria, que, contornando resistências, resultaram em pedidos para Roma, ainda em 1558. A resposta chegou por via da Bula do Papa Paulo IV, de Abril de 1559, autorizando a almejada criação universitária, confirmada em Setembro do mesmo ano. Nesta transição convergiram distintas intenções, destacando-se de qualquer modo que o Colégio tinha sido fundado por necessidade do acolhimento de Jesuítas.

<sup>22</sup> Cf. T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 156.

<sup>23</sup> A primeira referência à Rua de Mendo Estevens como *subúrbio* remontará a 1306, sendo igualmente designada como *Porta de Mendo Estevens* em 1360 (M.ª Ângela BEIRANTE, *Évora na Idade Média*, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1995, p. 135).

<sup>24</sup> F. RODRIGUES [1934], *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Edições do Apostolado da Imprensa, Porto, 2.ª edição, 1935, p. 7. Sendo que o próprio Santo Inácio cursara na Universidade de Paris, tendo vivido no antigo *Collège Montaigu*, junto à Abadia em Ste. Geneviève, a vocação assumidamente pedagógica da Companhia explica a dinâmica de criação de *escolas e colégios* como eixo do seu trabalho. Na verdade, «*La Compagnia (...), istitui collegi non annessi alla università, organizzati (...), con un programma di studi da cui trasse poi origina la scuola secondaria classica*»; (Andrea REICHLIN, *op. cit.*, p. 32). «*Jesuit houses, or 'colleges', are governed by a superior, who can hold office for a maximum of six years*»; (Deborah HOWARD, «Jesuit Order (Society of Jesus)», in *The Dictionary of Art*, Vol. XVII, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, p. 508).

Por outra parte, o complexo universitário terá servido a D. Henrique para completar um propósito de reedificação da cidade, com programas religiosos que se vieram a integrar como foco do *Maneirismo português* tardo-quinhentista. Além do primeiro empreendimento do Espírito Santo (1551-1559, *ss.*), regista-se o acabamento do *Convento de Valverde* (1544-1564), entregue a Capuchos, e as reconstruções da *Igreja de Santo Antão* (1550-1563), *Convento de Santa Catarina* (1547-1552), além do acabamento do *Convento da Graça* (1561), *Aqueduto da Água da Prata* e *Fontes das Praças do Giraldo e Portas de Moura*. Como seus principais Mestres, afere-se, como para as restantes obras henriquinas, o destaque de Manuel Pires e Afonso Álvares, mesmo que, como o Convento de Valverde, onde Pires teve intervenção, fossem estas realizações de arranque ainda de fase anterior<sup>25</sup>.

Emergindo a arquitectura como objecto de dissertação e interesse, se as suas realizações se podem considerar quase como *textos*, não menos os textos deixam de evidenciar ideias *pré-arquitectónicas*, onde se prefigurem obras e modelos. É exemplo a epopeia: *L'Italia liberata dai Goti*. Escrita entre 1526 e 1529 pelo Conde Trissino (1478-1550) e publicada em 1547, onde surge a descrição do Palácio do herói italiano Belisário. Pessoa importante do ambiente social e cultural em Vicenza, para Giangiorgio Trissino a Arquitectura servia como pedagogia, tendo fomentado uma *Accademia* e obras baseadas na regra, forma e medidas clássicas de acento vitruviano<sup>26</sup>. Dentro do Palácio, descreve Trissino, «*corria um claustro em torno de um pátio*», dotado de «*largos arcos*» que assentavam

<sup>25</sup> «Todas as obras públicas, sacras ou profanas, construídas em Évora desde os anos quarenta aos setenta (...), foram executadas por vontade expressa, influência ou autorização de D. Henrique» (M. J. C. BRANCO, «A fundação da Igreja do Bom Jesus de Valverde e o Tríptico de Gregório Lopes», in *A Cidade de Évora, Anos XLV-L*, N.º 71-76, Évora, 1988-1993, p. 40). Em 1566, Manuel Pires sucede a Diogo de Torralva como Mestre das Obras da Comarca do Alentejo (T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 161). Miguel de Arruda manteve-se como superintendente das obras do Cardeal após esta data (M. J. C. BRANCO, *op. cit.*, pp. 53-ss). Falecendo Pires em 1570, foi por sua vez sucedido por Afonso Álvares, que levou a termo as Igrejas de Santo Antão (1570-1577), do Espírito Santo (1570-1573) e também o Convento de Santa Helena do Monte Calvário, entre 1569-1578 (T. ESPANCA, *op. cit.* [1966], «Igreja de Santo Antão» e «Convento de Santa Helena»). Quanto à autoria arquitectónica, «o nome de Miguel de Arruda vem novamente à colação a propósito do início da edificação da grande paroquial eborense, a Igreja de Santo Antão, tradicionalmente atribuída a Manuel Pires, a quem igualmente se associam obras tão diferentes como a Igreja de Valverde ou a Igreja do Espírito Santo» (J. E. H. CORREIA, «A arquitectura – Maneirismo e 'Estilo-Chão'», in *História da Arte em Portugal*, Vol. 7, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 105).

<sup>26</sup> Era a Academia Trissiniana «*an informal residential school mostly for the sons of the local aristocracy*» (Dana ARNOLD, «Trissino, Giangiorgio», in *The Dictionary of Art*, Vol. XXXI, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, p. 346). Um dos seus protegidos foi Andrea di Pietro, inicialmente contratado como pedreiro e que adoptaria, como nome humanista, retirado da citada epopeia *L'Italia liberata...*, e que designava o anjo que protegia Belisário, chamando-se este anjo *Palladio*. Como se sabe, o protagonismo de *Andrea Palladio* como arquitecto foi assinalável para o resto do séc. XVI, inspirando correntes construtivas subsequentes (cf. R. WITTKOWER, *op. cit.*, p. 59).

em «*pilares redondos*» feitos de prata; mesmo em forma poética, dizia ainda Trissino que tais pilares tinham em «*altura*», tamanho igual à largura do chão, e em diâmetro um oitavo da medida de alto. Tratava-se, pois, da transposição directa para o sonho literário dos pressupostos e regras recolhidas nos tratados, que Trissino de facto estudara. De resto, confirma o papel do *pátio*, fundamental para as tipologias colegiais, como para a própria expressão do sentido de *medida e ordem* em arquitectura<sup>27</sup>.

Assinala-se aqui, tanto a importância do *desenho* como a importância da replicação das próprias formas antigas, enquanto introdução do sentido da *ordem*, ainda que transportando novas semânticas<sup>28</sup>. Como em toda a restante arquitectura, elementos como a *quadra*, a *coluna* ou a *arcaria*, referindo-se a estruturas e linhas, reconhecem-se no cerne das obras eborenses, seja no pequeno claustro do Convento de Bom Jesus de Valverde, apenso ao Passal da Mitra de Évora, seja no *Pátio dos Gerais* do novo Colégio do Espírito Santo, estando presentes as ordens, em colunas e pilares. O uso do *dórico* e do *toscano* pode indicar-se, aliás, como um traço assinado dos programas edificados de D. Henrique e de afirmação do sentido de classicismo, correspondendo a tempos em que o Gótico foi definitivamente substituído pela arte «*à romana*», cujas formas se permearam particularmente no delineamento das fachadas traçadas a esquadro ou no sentido sumptuoso dos interiores, integrando claustros e pátios, rodeados pelas colunas inspiradas nos modelos da Antiguidade, a que se adicionava o elemento de erudição apontado por capitéis normativos.

Estabelecido entre os sécs. XV-XVI, o Passal de Valverde destinava-se ao retiro eclesiástico. Em 1514, há registo de estar terminado o complexo gótico: o palacete, de que restaram grossos contrafortes virados para a margem da ribeira que ali corre; a Caixa de Água e Capela, ainda pouco transformadas. Coube a fundação do lugar ao Bispo D. Afonso de Portugal, falecido em 1522; foi sucedido pelo Infante D. Afonso de Avis, também futuro Cardeal. Em 1540, D. Henrique era já Arcebispo, sendo ambos filhos de D. Manuel. Em 1544, o Passal de Valverde transforma-se em Convento, entregue aos frades Capuchos da Província da Piedade, decorrendo daí as novas obras e alargamento da Cerca da Mitra<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Cf. R. WITTKOWER, *op. cit.*, p. 58.

<sup>28</sup> Na recuperação das ordens como expressão cultura para os sécs. XV-XVI, a relação com a memória da antiga Roma revela-se contudo ambígua; pelo menos na arquitectura italiana, pois: «*once it had become accepted that Doric, Ionic and Corinthian were the proud emblems of a revived ancient Roman architecture (...), architect after architect had invented system after system in order to compensate for the negative association with the Roman world*» (JOHN ONIANS, «The system of orders in Renaissance architectural thought», in *Les Traités d'Architecture de la Renaissance. Actes du Colloque*, Picard – Université de Tours, Paris, 1988, p. 175).

<sup>29</sup> Cf. n/resenha: M. F. S. PATROCÍNIO, «A História do Passal e Convento da Mitra», in *Revista da Universidade de Évora*, N.º 5, Universidade de Évora, Évora, 2006, pp. 144-149.

Terão sido estas obras precursoras do que, entretanto, se preparava para a própria cidade, e que culminou no Colégio do Espírito Santo, a modo de estabelecimento, ainda anterior a 1550, de um arquétipo construtivo de matriz cenobítica, centrada no princípio espacial orientador contido na forma quase imemorial do *claustro*, e de alguma maneira enraizada numa duradoura experiência de espiritualidade aqui reactualizada, que o mesmo Colégio ampliaria, introduzindo o *pátio* moderno, em associação ao projecto que a Companhia de Jesus deteria por duzentos anos. A Igreja do Convento do Bom Jesus de Valverde, com a sua planta centralizada de tipo *experimental* ainda, porém, de presumível inserção numa anterior época, distinguia-se pela aplicação de *colunata pseudo – coríntia* mas comportava já indícios de despojamento formal, ainda que mais despojado fosse o claustro do mesmo Convento, no qual está, porém, já assumido o recurso ao *dórico*. Processo, pois, idêntico ao que se observa na própria aplicação também *dórica* nos espaços do Espírito Santo, sendo um talvez indicador do momento em que Manuel Pires tivesse intervindo como continuador das obras, quem quer que fosse o autor do projecto<sup>30</sup>.

Assinala-se que, pelo menos, no Colégio do Espírito Santo, é atribuída a Manuel Pires a autoria do segundo claustro interior, chamado *dos Irmãos*, ou *da Cisterna*, que antecedia o acesso ao Refeitório, sendo outra quadra rectangular rodeada de pórtico *dórico* sob arcarias redondas e comendo cinco tramos em piso inferior, a que correspondiam, no piso de galeria, idêntica subdivisão separada, aqui, por colonelos (também *dóricos*) suportando a trave contínua de apoio às águas<sup>31</sup>. O *dórico* participa, de resto, das mitologias de época henriquina, prolongadas em textos de alegada memória da demolição do *arco romano* que o Cardeal teria mandado retirar diante da vista da Igreja de Santo Antão e

<sup>30</sup> Para a recapitulação das posições sobre a autoria do Bom Jesus, que envolvem a hipótese do risco caber ao próprio Francisco de Holanda (que, em 1545, estava em Évora), cf. M. J. C. BRANCO, *op. cit.*, pp. 42-43, embora seja certo que, em 1564, segundo registo documental, Manuel Pires estivesse de facto a trabalhar em Valverde (*id. ibid.*, p. 51). Na Igreja do Bom Jesus, que «*as colunas (...) são de matriz dórica como impunha a seriedade e a simplicidade dum convento franciscano mas os capitéis parecem moldes de capitéis coríntios com os cálatos desornamentados (...), ficando apenas um discreto e ligeiramente descaído filete e um abaco de faces encurvadas*» (*op. cit.*, p. 49). O mesmo autor confirma o estabelecimento do Convento de Valverde em 1544 na base de comparações documentais com o registo da encomenda das pinturas de Górgio Lopes destinadas aos altares da Igreja, pago em 1545 (*id.*, pp. 43-47).

<sup>31</sup> Cf. T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], p. 166 e T. ESPANCA, *op. cit.* [1966], p. 76. O projecto do Refeitório aceita-se como sendo de Manuel Pires, na sequência do seu próprio risco do *Claustro dos Irmãos*, ambos posteriores a 1559 (T. ESPANCA, *op. cit.* [1966], pp. 76-77). Entre este Claustro e o Refeitório está a *Casa do Lavabo*, porém só indicada como terminada em 1596 (e dotada da fonte cilíndrica, com figuração de querubins, paga pelo então Bispo de Portalegre: T. ESPANCA, *op. cit.* [1959] e [1966], *ibid.*).

que, segundo a tradição, teriam sido precisamente trasladadas para o *Refeitório colegial*, contíguo ao referido *Claustro dos Irmãos*<sup>32</sup>.

Subjacente ao enquadramento cultural do desenvolvimento da arquitectura na segunda metade do séc. XVI, está a inequívoca inspiração italiana, sendo que, à época, da ampla expansão de fundações colegiais que se registam, na cidade de Roma chegaram a ser quarenta os novos colégios. Desenvolvendo-se, porém, também um novo desenho e aplicação de pátios abertos, na sua configuração como *cortile* e na recepção que acusa ao sentido de ordem, a arquitectura dos colégios foi devedora da própria arquitectura dos palácios<sup>33</sup>. Destaca-se o caso dos palácios com *cortile* na região lombarda; no exemplo da *Villa Gonzaga – Simonetta* (Milão), ainda de 1547 e de Domenico Giunti (1506-1560), observa-se diante do jardim da *villa* a abertura de um pátio composto por corpo de fundo, rematado por dois braços, em cujo extremo se prolonga a linha de pórtico, dórico, com recorte de arcaria redonda depurada<sup>34</sup>.

Por seu lado, o pintor Pellegrino Tibaldi (1527-1596), tendo trabalhado como projectista em palácios de Milão, de que se destaca o de *Erba – Odescalchi* (ca. 1565), também organizado em torno de um pátio com arcaria dórica, vem a conceber igualmente os planos do *Colégio de San Carlo Borromeo* (Pavia), também universitário (1563-1585), com fachada em sobrecarga de elementos de rusticados e de componentes formais das ordens, desta feita envolvendo um pátio fechado, com duplo andar e duplas colunas, suportando arcarias que ocupam a largura de tramos de ritmo regular. É significativo que, apesar da diferença formal assinalada pelos emparelhamentos de dupla colunata no *cortile*, que a distribuição de salas em seu redor tenha o mesmo número que o total

<sup>32</sup> A demolição do arco romano teria coincido com a conclusão desses espaços. Foi Afonso Álvares, em 1570, o incumbido de «*devar para o dito Colégio da Companhia as colunas grandes e as mais que servirem do dito pórtico*», por determinação do Cardeal (segundo carta transcrita por António Francisco Barata, in T. ESPANCA, *op. cit.* [1959], pp. 166-167). Apreciando as «*oito colunas monolíticas, da ordem dórica, com dezassete palmos e meio de alto, por sete e meio de diâmetro*» do dito Refeitório, comenta Espanca: «*que proporções majestosas não teria essa obra de época clássica!*» (*id.*, *ibid.*, p. 167).

<sup>33</sup> A arquitectura italiana assegurou a tipologia do *cortile*, o *pátio*, enquanto: «*spazio scoperto, inteiramente ou parcialmente delimitato dai corpi di fabbrica e destinato, oltre che a dare aria e luce agli ambienti interni, allo svolgimento de funzioni particolari (...) del edificio stesso*» («*cortile*», in *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica*, Vol. II, Direcção de Paolo Portoghesi, Roma Istituto Editoriale Romano, 1968, p. 94). Se o *claustro* se define pelo acento quadrangular, o *pátio* adquire a sua disposição sobre um desenho de rectângulo.

<sup>34</sup> Formas que exprimem questões *conceptuais* antes de serem *práticas*, tocando a necessidade do arranjo das proporções, fundamental para a *symmetria*. Assinala Rudolf Wittkower que «*rational proportions would have confronted Renaissance artists with a perplexing dilemma, for the Renaissance attitude to proportion was determined by a new organic approach to nature which involved the empirical procedure of measuring (...); everything was related to everything by numbers*» (R. WITTKOWER, *Architectural Principles in the Age of Humanism*, Alec Tiranti, Londres, 1967, p. 158).

das Salas de Aula do Pátio do Espírito Santo, sugerindo um possível âmbito de influências<sup>35</sup>.

Ignora-se, contudo, quem fez a planta inicial do Colégio do Espírito Santo, embora restasse a notícia de que, no começo do projecto, volvidos os anos de 1550, foi precisamente trazida de Roma pelo Padre Simão Rodrigues. Certo é que, até aos sécs. XVII e XVIII, o Colégio conheceu a progressiva expansão dos seus espaços desde o seu núcleo original, o que dificilmente corresponderá ao cumprimento do que ficasse de um projecto unificado, sendo que as diversas áreas da actual Universidade foram construídas em ritmo diverso, descontínuo, embora tivessem acabado por ficar notavelmente integradas. Tal crescimento ficou camuflado pela hábil ligação de escadarias entre o piso térreo e o andar nobre e pelas áreas de cruzeiro, dotados de cúpulas e torres – lanterna nos eixos de contacto dos grandes corredores do andar superior, de que decorreu a consolidação integrada dos diversos corpos do Colégio<sup>36</sup>.

Propôs-se, recentemente, como presumível arquitecto, o Padre Bartolomé de Bustamante Herrera (1501-1570), que permanece por confirmar e ainda que seja uma importante figura do ciclo coevo com a fundação do complexo eborense<sup>37</sup>. Sobretudo auto-didacta em arquitectura e tendo viajado por Itália, Bustamante seria um responsável pelo desenvolvimento de programas colegiais e demais obras da acção inicial da Companhia de Jesus em Espanha. Terá, enfim, acompanhado a construção do grande Colégio jesuíta de Coimbra, na ocasião em esteve em Portugal no ano de 1560<sup>38</sup>. Estivera igualmente no Reino em 1553, acompanhando, como Secretário, o Provincial da Companhia,

<sup>35</sup> O *Colégio Borromeo* insere-se na consolidação de novos programas subsequentes à Contra-Reforma, de que se destaca igualmente o *Colégio Gliiglieri* (1569), também em Pavia, o *Colégio Romano* (1582) e o *Colégio Puteano* (1605), em Pisa, acentuando o modelo de *colégio eclesiástico* que a Companhia de Jesus também aproveitou (cf. A. REICHLIN, *op. cit.*, p. 32).

<sup>36</sup> Cf., além de T. ESPANCA, *op. cit.* [1959, 1966], A. M.<sup>2</sup> BORGES e J. A. G. MACHADO, «O Colégio do Espírito Santo», in *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, N.º 26, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 2007, pp. 70-75; M. F. S. PATROCÍNIO, «Fundar no ermo. A descrição histórica – arquitectónica e artística do Colégio e Complexo do Espírito Santo (sécs. XVI-XVIII)», in *Revista da Universidade de Évora*, N.º 10-11, Vol. I, Universidade de Évora, Évora, 2009, pp. 102-116.

<sup>37</sup> Cf. A. M.<sup>2</sup> BORGES e J. A. G. MACHADO, *op. cit.*, p. 70, citando F. S. MARTINS, *A Arquitectura dos Colégios Jesuítas em Portugal (1542-1759)*, Universidade do Porto, Edição do autor, Dissertação policopiada, Porto, 1994.

<sup>38</sup> Cf. A. R. GUTIÉRREZ DE CEBALLOS, *Bartolomé de Bustamante y los orígenes de la arquitectura jesuítica en España*, Institutum Historicum, Roma, 1967, p. 13. Já era eclesiástico, em Madrid, antes de se juntar à Companhia de Jesus em 1551. Antes ainda, em 1528, terminara a sua formação em Artes e Teologia na Universidade de Alcalá de Henares, onde frequentou o Colégio Franciscano de S. Pedro e S. Paulo (Fernando MARIAS, «Bustamante (Herrera). Bartolomé de», in *The Dictionary of Art*, Vol. V, Direcção de Jane Turner, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, p. 305).

D. Francisco Borja<sup>39</sup>. Leitor atento de Vitruvius, Bustamante terá retido da lição o sentido de funcionalidade que, no arranque dos programas jesuítas, se adequavam às necessidades imediatas e utilitárias do uso do espaço, que se pretendia despojado<sup>40</sup>.

Foi receptivo à necessidade de aplicação de formas clássicas sobretudo por questões de funcionalidade, como se definia com a base simples dos programas jesuítas anteriores à obra de *Il Gesù* (Roma, 1575)<sup>41</sup>. Em geral, as obras jesuítas caracterizar-se-iam pela adesão a este mesmo tipo de soluções formais, ao mesmo tempo que adoptavam a tipologia colegial como espaço preferencial de instalação; em referência ao presumível «estilo jesuítico», porém, se bem que houvesse tipologias predominantes que se tivessem desenvolvido numa fase inicial de programas, a uniformidade ou repetição de modelos e formas, parece, porém, longe de ser um facto<sup>42</sup>.

Mesmo assim, a Igreja de *Il Gesù*, que serviu de sede à Companhia, exerceu influência, sobretudo nas concepções de fachada para programas arquitectónicos religiosos de transição dos sécs. XVI-XVII, mas também noutros exemplos de templos, caso, em Paris, da imponente Igreja de St. Paul – St. Louis (Rue St. Antoine), de 1625, destinada aos Padres jesuítas franceses, onde intervieram Etienne de Martellange (que a projectou) e François Dérand (que fez o traço da fachada)<sup>43</sup>. Martellange (1568-1641), em Paris, seria, efectivamente, um dos maiores responsáveis pelas obras de novos colégios em

<sup>39</sup> De caminho, passara por lugares onde tinha projectos seus com obras em decurso (Burgos, Medina del Campo e por Toledo), havendo registo de ter deixado lá os respectivos planos, antes de seguir viagem. A. R. GUTIÉRREZ DE CEBALLOS, *op. cit.*, p. 57-ss. (em Burgos, «Bustamante proyecta el colegio que fundaba el abad de Salas y que luego se frustró. En Medina del Campo deja los planos del colegio y iglesia que allí se comenzaban»; *id.*, *ibid.*, p. 57).

<sup>40</sup> «He designed small college buildings, their emphasis on function rather than style in accordance with the ideals of simplicity and austerity expressed by the Jesuit Order» (Fernando MARIAS, *op. cit.*, *ibid.*).

<sup>41</sup> Cf. Eunice D. HOWE, «Il Gesù», in *International Dictionary of Architects and Architecture*, Vol. II: *Architecture*, St. James Press, Detroit-Londres-Washington DC, 1993, pp. 612-615. Sendo a Igreja de *Il Gesù* também um exemplo do *clássico*, é certo que Alexandre Farnésio custeou faustosamente o plano de Giacomo Vignola, em trabalho depois prosseguido por Giovanni Tristano (como supervisor) e Giacomo Della Porta (que desenhou a fachada definitiva) até se alcançar um efeito luxuoso de obra. Apenas vinte anos antes, vingava a contrastante simplicidade e utilitas das primeiras obras jesuítas no seu classicismo mínimo inicial.

<sup>42</sup> Considera-se «acerte» que «nem as determinações da Congregação Geral se preocupavam excessivamente com problemas de partido ou estilo arquitectónico, mas antes com situações de funcionalidade e operacionalidade (...). A diversidade de plantas das igrejas da Companhia (...), assim o faz pensar» (J. E. H. CORREIA, *op. cit.* [1986], p. 111).

<sup>43</sup> Etienne Martellange «worked throughout France, producing architectural plans and some competent watercolours views of Jesuit establishments where work was in progress (...). Drawings were sent to the Jesuit Order in Rome and served as basis for decision of leaders (...) on leading projects» (Jean-Pierre BABELON, «Martellange, Etienne», in *The Dictionary of Art*, Vol. XX, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996, p. 482).

indício da forte actividade nos primeiros anos de Seiscentos, destacando-se, da sua autoria, a Capela do *Collège Clermont*, à *Rue St. Jaques* (1628) e o demolido Colégio do Noviciado jesuíta na *Rue du Pot-de-Fer*, próximo ao Monte de Ste. Geneviève (1630-1642)<sup>44</sup>.

Foi em Paris, de resto, que o desenvolvimento tipológico das arquitecturas colegiais, atingirá o seu auge no séc. XVII. Nomeadamente, em decurso da promoção institucional que veio transformar a matricial universidade, até então contida nos edifícios ainda medievais da *Sorbonne*, que se reconstruiu por iniciativa de Richelieu (1627-1648), associando-o, em gesto áulico, à magnificência do Estado francês<sup>45</sup>. Desenhou-se a *Rue e Place de la Sorbonne*, diante da qual se concluía a fachada pública da capela colegial dedicada à padroeira Sainte-Ursule, obra de Philippe Lemercier (1650), e, no interior do novo Colégio, desenhou-se um amplo Pátio unificando os novos volumes<sup>46</sup>. Entre St. Victor e o Monte de Ste. Geneviève, destinado a uma das comunidades estrangeiras que compunham a *universitas* parisiense, edifica-se o *Collège des Ecoles* (1662-1665), de frente compacta ao modo do barroco francês que se mantém cenicamente rectilíneo nos seus programas, ainda que imponentes; da entrada passava-se para um pátio, desta feita fechado<sup>47</sup>.

E, na sequência das transformações que o Colégio do Espírito Santo conhecerá, também é em finais do séc. XVII que se fecha o Pátio dos Gerais, dotado em período de D. Pedro II de um Pavilhão dianteiro voltado para o Terreiro dos Estudantes e onde se construiu, a sul, um portal desenvolvido anunciando outras formas monumentais, com janelas de moldura redonda a conformar um *andar nobre*, que serviria para aposento a D. José (1703-1756),

<sup>44</sup> Na sequência do programa de *Il Gesù*, «Martellange's college plans usually consisted of two or three rectangular courtyards with the church along one side of the court (...), the churches generally (...) having a nave with shallow recesses between the abutments of the transverse arches and galleries above. Ornament was minimal» (Jean-Pierre BABELON, *id.*, *ibid.*). Cf. referência ao Colégio de Clermont, in A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 509-511, 518.

<sup>45</sup> Já em 1607, antes da reedificação de que seria o principal promotor, o Cardeal Armand Jean de Richelieu, também Duque, fizera-se *hospes* e *socius* da Universidade parisiense, sedeadá no Colégio Sorbonne já desde o séc. XIII («il eût bientôt le titre de proviseur et voulut signaler son administration par un bienfait digne de la haute position qu'il occupait en France»; A. FRANKLIN, *op. cit.*, p. 136).

<sup>46</sup> «L'espace occupé depuis Richelieu par la cour et les constructions situées entre cette dernière et la Rue de la Sorbonne actuelle, les initiatives du Cardinal permirent de joindre à cet espace la superficie couverte par l'église et les ailes qu'il fit édifier au fond de cette cour (...) et vers notre Rue des Ecoles» (A. TUILIER, *op. cit.*, p. 508).

<sup>47</sup> A. TUILIER, *op. cit.*, pp. 474-475. As obras jesuítas asseguraram, de qualquer modo, a continuidade de aplicação dos modelos arquitectónicos e formas clássicas de tratado para os programas de séc. XVII, como indicará o próprio desenho de fachadas das edificações francesas subsequentes. O traço erudito mantém-se, também em Évora, na edificação da Capela de N.ª Sr.ª da Cabeça, na Rua de Mendo Esteves (1681), precisamente agregada ao Colégio dos Irlandeses e resultando da encomenda de Luís Rodrigues, da Universidade, e do Padre irlandês John Verdon, futuro Bispo de Ferns. à data estudando no Colégio da Purificação (T. ESPANCA, *op. cit.* [1966], pp. 94-95).

filho natural do Rei, que se veio a doutorar em Teologia na (1735) e foi depois Arcebispo de Braga (1736). O séc. XVIII traz, assim, como outra cultura, e molde principesco de formas e traços decorativos, ao que se iniciara como espécie de réplica monumental de paradigmas cenobíticos.

Confirmava-se uma viragem estética de contraste com o depuramento clássico o século precedente. Mesmo no contexto inicialmente austero das obras jesuítas instaladas, já a construção da Sacristia Nova da Igreja do Espírito Santo (1599) trouxera um programa de novas pinturas na abóbada, dedicado ao tema da vida de Inácio de Loyola, fundador da Companhia, realizadas dez anos antes da sua canonização, e com arranjo mais intenso de cores e padrão compositivo em grelha de apainelados, trazendo simultaneamente com o *poder da imagem*, um inesperado reforço da utilidade estética como meio de expressão de um compêndio místico<sup>48</sup>.

Mas a transformação do espaço colegial tinha começado a seguir a 1567, na própria mudança dos aposentos iniciais do Cardeal, do lado poente para nascente, devido à construção da Igreja do Espírito Santo e acréscimo do *Noviciado* (actual bloco da Reitoria). Alargando-se as áreas interiores, a projecção norte do *Pavilhão dos Lentos e da Enfermaria* concluíra-se em 1655 e, edificando-se capelas ao longo dos corredores, distingue-se a que sobreviveu nessa ala, a de N.ª Sr.ª da Conceição (1647), num dos primeiros traços de barroco português. O último ciclo de obras será de um auge estético ao modo áulico português já do período de D. João V (entre 1715-1725), e feito a custos dos rendimentos da Imprensa Académica. Tratou-se da reorganização da frontaria da Sala dos Actos e seu frontispício de figuras alegóricas de querubins segurando a Custódia e as Virtudes empunhando o Sol e a Lua, ao lado do memorial de armas do fundador e tabela com o símbolo da Companhia de Jesus, culminando um discurso visual triunfante, que se moldou em mármore em sinal de gosto e beleza com que se deveria sempre dotar a obra acabada e que encerrou o duradouro ciclo construtivo do Colégio do Espírito Santo de Évora.

<sup>48</sup> Cf. J. A. G. MACHADO, «As pinturas a fresco da sacristia nova da Igreja do Espírito Santo de Évora (1599)», in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto, 2003, pp. 281-289. No tecto, «doze molduras em quadri riportati (...), modo de fazer figurar cenas individuais [...] que mostram aspectos significativos da vida e missão inaciana. Salienta-se não ser somente uma mera hagiografia mas uma articulação de episódios que colocam Sto. Inácio no centro de um excepcional e particular percurso místico [...]. Aqui, o ascetismo apresentava-se como um modo de passagem para uma dimensão de experiências prolíferas, atestando a força do próprio enriquecimento espiritual, sem o que não seria possível intervir no mundo»; «a missão de Inácio de Loyola passava pelo desafio à própria capacidade de ver o mundo, de ver além do mundo terreno, e assim chegar a Deus [...]; propósito, afinal dos Exercícios Espirituais (escritos em 1548), enquanto guia de meditação, onde cada etapa do crescimento espiritual, realçava-se, deveria associar-se a determinadas imagens de santificação»; M. F. S. PATROCÍNIO, «A Sacristia Nova da Igreja do Espírito Santo», in *Revue – Revista da Universidade de Évora*, N.ºs 2-3, Universidade de Évora, Évora, 2005, pp. 76-80).



**Ilustração 1. Pellegrino Tibaldi:**  
Palácio de Erba-Odescalchi (Milão), ca. 1565  
Detalhe da galeria do pátio, arcaria e andar nobre  
*Wikimedia Commons*



**Ilustração 2. Pellegrino Tibaldi:**  
Colégio de San Carlo Borromeo (Pavia), 1563-1585  
Perspectiva dos alçados do pátio colegial, com arcaria e sistema de colunas  
*Wikimedia Commons*



**Ilustração 3. Etienne Martellange e François Dérand:**  
Igreja de Saint-Paul e Saint-Louis (Paris), Fachada - 1625  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 4. Philippe Lemercier:**  
Collège de la Sorbonne (Paris), Alçado inferior da fachada exterior da Capela de Sainte – Ursule 1650  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 5. Etienne Martellange e François Dérand:**  
Igreja de Saint-Paul e Saint-Louis (Paris)  
Detalhe do alçado intermédio do corpo central e óculo de fachada e nichos laterais  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 6. Colégio do Espírito Santo:**  
Portal de acesso ao Pátio dos Estudos Gerais,  
detalhe da tabela esculpida com a emblemática da Companhia de Jesus  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 7. Rue du Pot de Fer (Paris):**  
Sítio do antigo estabelecimento do Colégio do Noviciado jesuíta,  
de Etienne Martellange, demolido  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 8. Collège des Ecosais (Paris, antiga Rue des Fosses de St.-Victor):**  
Perspectiva da fachada - Séc. XVII  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 9. Colégio do Espírito Santo:**  
Perspectiva da galeria de acesso ao Pátio dos Estudos Gerais (Pavilhão de D. Pedro II),  
detalhe do arranjo de padrões e estuque do abobadamento  
*Fotografia do autor*



**Ilustração 10. Colégio do Espírito Santo:**  
Fonte do Pátio dos Estudos Gerais e alçado inferior da fachada da Sala dos Actos  
*Fotografia do autor*

### Principais referências bibliográficas

- AA.VV., *The Dictionary of Art*, Direcção de Jane Turner, MacMillan Publishers - Grove, Nova Iorque - Londres - Sydney, 1996.
- AA.VV., *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica*, Direcção de Paolo Portoghesi, Roma Istituto Editoriale Romano, 1968.
- AA.VV., *International Dictionary of Architects and Architecture, Vol. II: Architecture*, St. James Press, Detroit - Londres - Washington DC, 1993.
- AA.VV., *Les Traités d'Architecture de la Renaissance. Actes du Colloque (Tours, juillet 1981)*, Organização de Jean Guillaume et al, Picard - Université de Tours/Centre d'Etudes Supérieures de la Renaissance, Paris, 1988.
- Ana Maria BORGES e José Alberto Gomes MACHADO, 2007, «O Colégio do Espírito Santo», in *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, N.º 26, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 2007, pp. 70-75.
- Ana Maria BORGES, et al. 1988, *Colégio do Espírito Santo. Alguns elementos sobre a sua fundação, história e arquitectura*, Universidade de Évora – Serviço de Reprografia e Publicações, Évora, 1988.
- Manuel J. C. BRANCO, 1993, «A fundação da Igreja do Bom Jesus de Valverde e o Tríptico de Gregório Lopes», in *A Cidade de Évora – Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, Anos XLV-L, N.º 71-76, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1988-1993, pp. 39-71.
- José Eduardo Horta CORREIA, 1990, «A importância dos Colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses», in *Actas do Congresso 'História da Universidade (no VII Centenário da sua Fundação)'*, Vol. II, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1991, pp. 269-290.
- José Eduardo Horta CORREIA, 1986, «A arquitectura – Maneirismo e 'Estilo-Chão'», in *História da Arte em Portugal*, Vol. 7: O Maneirismo, Direcção de Vitor Serrão, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 93-135.
- Túlio ESPANCA, 1966, *Inventário Artístico de Portugal. Tomo VII: Concelho de Évora*. Vol. I, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966.
- Túlio ESPANCA, 1959, «Notícia dos edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo de Évora», in *A Cidade de Évora – Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora*, Ano XVI, N.º 41-42, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1959, pp. 155-211.
- Alonso Rodríguez GUTIÉRREZ DE CEBALLOS, 1967, *Bartolomé de Bustamante y los orígenes de la arquitectura jesuítica en España*, Institutum Historicum, Roma, 1967.
- José Alberto Gomes MACHADO, 2003, «As pinturas a fresco da sacristia nova da Igreja do Espírito Santo de Évora (1599)», in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*, Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto, 2003, pp. 281-289.
- Manuel F. S. PATROCÍNIO, 2009, «Fundar no ermo. A descrição histórica – arquitectónica e artística do Colégio e Complexo do Espírito Santo (sécs. XVI-XVII)», in *Revue – Revista da Universidade de Évora*, N.º 10-11, Vol. I: Organização de Sara Marques Pereira, Universidade de Évora, Évora, 2009, pp. 102-116.
- Manuel F.S. PATROCÍNIO, 2006, «A História do Passal e Convento da Mitra (Valverde, Évora)», in *Revue – Revista da Universidade de Évora*, N.º 5, Universidade de Évora, Évora, 2006, pp. 144-149.
- Amélia POLÓNIA, 2005, *D. Henrique. O Cardeal – Rei*, Círculo de Leitores – Universidade Católica Portuguesa/Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Rio de Mouro, 2005.
- André TUILIER, 1994, *Histoire de l'Université de Paris et de La Sorbonne. Vol. I : Des origines à Richelieu*, Nouvelle Librairie de France – Guy Victor Latat, Paris, 1994.
- Rudolf WITTKOWER, 1949, *Architectural Principles in the Age of Humanism*, Alec Tiranti, Londres, 1967.